

distribuição da renda, no país, distinguindo quatro grupos: o primeiro, constituído de 50% da população remunerada, tinha renda média de 75 cruzeiros (valor de 1970) e, portanto, podia ser considerada à margem do mercado; o segundo, correspondente a 30% da população localizado logo acima da mediana da distribuição, apresentava renda média de 210 cruzeiros, o triplo da do grupo anterior e correspondendo a 80% da renda média da distribuição; assim, esse grupo só podia ter acesso aos produtos de primeira necessidade. O terceiro grupo apresentava nível médio de rendimento de 491 cruzeiros, isto é, apenas 2,4 vezes a do grupo anterior, correspondendo a 15% da população remunerada e percebendo 27% da renda total. Na cúpula, finalmente, estava o grupo constituído por 5% das pessoas remuneradas, detendo 36% da renda total e com renda média de 1.982 cruzeiros, ou seja, 26,4 vezes a renda média da metade da população situada no outro extremo da distribuição. Era a marca da grave concentração da renda. Mas a pesquisa ia mais longe: "A metade da população remunerada situada no extremo inferior da distribuição viu cair sua participação na renda total de 17,7% para 13,7%. Em que pese um aumento de 79% no PIB, esse grupo manteve inalterado seu nível médio de rendimento no período". A conclusão do economista era de que "metade da população não foi atingida pelos benefícios do crescimento (pelo menos em termos monetários) e outros 30% tiveram acesso apenas marginal a esses benefícios".<sup>108</sup>

O censo de 1970, cujos primeiros dados começaram a ser conhecidos em fins de 1971, confirmavam a concentração e assinalavam o seu agravamento. Por esses dados, verificava-se, por outro lado, que "o salário mínimo real, em 1970, apresentava-se rebaixado em cerca de 30% em relação ao do ano de 1961". Um comentador, lidando com os dados do censo, aprofundava a análise e apresentava os reflexos no consumo: "E, finalmente, para mostrar que a concentração da renda se faz ostensiva, quando se examina a qualidade dos gastos de consumo pessoal no Brasil, os pesquisadores assinalam o baixo crescimento das indústrias de consumo popular. Não é à toa que calçados, vestuário, artefatos de tecidos, produtos têxteis e outros, vivem de pires na mão, sonhando com as delícias do mercado externo. No decênio 1960/70, os índices do produto real cresceram, no ramo

<sup>108</sup> Esses dados foram sumariados e comentados por João Pinheiro Neto, em artigos no *Correio da Manhã*, Rio, de 13, 18, 19 e 20 de julho de 1972.